

Proletários de todos os países: Uní-vos!

O Marinheiro Vermelho

Orgão das células do Partido Comunista Português (s. p. i. c.) na Marinha de Guerra - O. R. A.

SENHOR MINISTRO...

LUTANDO...

Os jornais do dia 31 de Março noticiaram-nos o discurso proferido por V.ª Ex.ª, a propósito da viagem de Gago Coutinho e de Sacadura Cabral.

Aproveitou V.ª Ex.ª a oportunidade para, mais uma vez, lançar contra a nossa consciência de marinheiros, as mais vis e baixas acusações. Não nos estranha o facto. Já em anteriores palestras tínhamos ouvido semelhantes sabujices, e se hoje nos servimos das colunas do «Marinheiro-Vermelho» é tão somente para desmascarmos o conteúdo insidioso do seu discurso.

Não pode V.ª Ex.ª deixar de constatar que: No momento que passa sente-se uma ofensiva que, sendo de natureza comunista é contra a Pátria.

Regosijamo-nos em primeiro lugar, por V.ª Ex.ª já não poder ignorar a nossa força, pois é sinal de que ela existe e é extensa. Permittimo-nos, contudo, salientar que, até agora, ela tem assentado sobre o bico desta e doutras canetas que vão alinhavando estas linhas. Melhor oportunidade terá V.ª Ex.ª de apreciar a nossa «ofensiva», quando ela assentar na ponta das nossas baionetas...

Não estamos, porém, de acordo com a segunda afirmação da sua frase, isto é, quando diz que sendo nós comunistas, somos contra a Pátria. V.ª Ex.ª, sendo um dos defensores do «Estado-Novo» e da sua política «hierárquica», esqueceu-se, certamente, da sua e da nossa descendência. V.ª Ex.ª esqueceu-se, por exemplo, de que descende em linha recta de todos os traidores que têm negociado a Nação a «grócco e a retalho», com todos imperialistas estrangeiros. V.ª Ex.ª esqueceu-se que descende do Cardinal D. Henrique, enquanto que nós, marinheiros, filhos do Povo, descendemos dessa mesma grei que, com Fernão Vasques à frente, escorraçou Leonor Teles e D. Fernando —... seus antepassados, Sr. Ministro. A V.ª Ex.ª e à camarilha que o rodeia pertencem os traidores do Povo e da Nação, enquanto que nós, comunistas, representamos a chama mais pura do Povo de 1640, do «Ultimatum» e de 1910. O sangue dos marinhei-

Continua na 3.ª página

Novo ciclo de guerras e revoluções avassalam o globo.

Como consequência das contradições da sociedade burguesa, estas agudizam-se e dividem-se cada vez mais em dois campos antagónicos: fascismo e anti-fascismo.

O fascismo como sendo a única saída do capitalismo, tenta já com alguns êxitos, dominar em todo o mundo, e assim conduzir os povos a «barbárie» pela sua tática de terror, pois o fascismo não é aceite pela massa que cotidianamente luta pela sua emancipação.

Nós, marinheiros, filhos do povo, trabalhadores que obrigados ou voluntários ingressam nas fileiras da força armada capitalista e, que é destinada a proteger o Estado fascista contra os ataques dos nossos irmãos de classe, devemos conjugar os nossos esforços lutando em comum por um regime de verdadeira democracia popular.

É necessário mais que nunca, lutarmos pela constituição de uma frente única de marinheiros, contra a guerra e o fascismo, devendo organizá-las como é obvio, a lutarem pelo Pão, pela Paz, pela liberdade e pela Cultura.

Sentimos a necessidade de formar quadros de militantes, criando mentalidades verdadeiras e conscienciosamente revolucionárias, para passarmos do marasmo existente nalguns sectores da nossa organização, que eram constituídos apenas por revoltados e não revolucionários, como é necessário.

É necessário não nos limitar-nos apenas ao pagamento do jornal e selos; é preciso mais do que nunca, ampla difusão de literatura e educarmo-nos em colectivo se possível for, e se o meio-ambiente não for propício, então individualmente, porquanto além de sermos nós os interessados, temos o dever de dar tudo quanto de nós a Revolução exija.

Devemos lutar incansavelmente e, perder o receio de cair nas masmorras, porque a prisão é sinónimo de luta e como tal devemos encará-la,

E na cadeia que se avalia o espírito de sa-

A Nossa Força!

Sempre que a canalha salazarista surge a ocasião propícia para o fazer, atiram-se a nós — anti-fascistas de alma e coração — como S. Tiago aos mouros!

Nós, que possuímos a força e que a todo o custo devemos crer no muito que somos e que valemos, temos a distinta obrigação de agir, dadas as crescentes possibilidades de que dispomos. O «Estado Novo» de inovações e de novos preceitos anti-libertários, mantém-nos debaixo do péso da mais brutal e feroz tirania, sem que n's tenhamos manifestado de forma decisiva fazendo-lhes crer o que somos e o que valemos! Mas é, os algozes das classes por demais o sabem, mantendo-nos debaixo da mais estreita vigilância.

Ora uma vez que lutamos no campo da liberdade, do direito e da justiça, possuímos a força suficiente para nos impôr-nos. A O.R.A. que conta no seu seio um elevadíssimo número de camaradas dos mais decididos e enérgicos, ha-de impôr-se!

Mas, acima de tudo, sempre bem patente na ideia o lema másculo de Lenine — um holocausto à obra que cumpre consumir como estrela luminosa que nos guia no caninho das nossas justas e legítimas reivindicações, para bem do proletariado em geral.

Não é necessário frizar os benefícios que o «Estado salazarista» nos tem proporcionado, porque demais são conhecidas as suas manigâncias podendo mesmo assegurar-se que as classes trabalhadoras — só elas — têm impedido a completa corrupção do país.

E essas classes — as nossas — honradíssimas, são precisamente as que mais têm sofrido, após o «regime da violência»!

Camaradas!...

O nosso esforço, a nossa dedicação á causa que voluntariamente abraçamos, não deve abrandar mas sim, multiplicar se possível for.

Fazer valer as nossas justíssimas reivindicações para o termo das quais temos já meio caminho percorrido, dedicando-nos á preparação duma «manifestação de força» que se sobreponha ao «regime da violência» que há anos nos traz subjogados.

Ter sempre presente na memoria que a nossa força, também é uma «força»!

crifício feito pelos nossos precedentes camaradas russos que souberam erguer a formidável obra exemplar da construção socialista na Rússia Soviética.

Mais do que nunca, devemos meter ombros á pesada tarefa que se nos depara; o combate á guerra e o fascismo e a instauração de um governo de Democracia Popular

SOCORRAMOS Os marinheiros anti-fascistas prêsos!

Na luta gigantesca empreendida contra o terror fascista, muitos são aquêles que têm tombado, vítimas quasi sempre pelo grande desejo de bem servir a causa que professam.

As fileiras da Marinha de Guerra, têm sido formidavelmente atingidas pela onda de terror fascista.

Salazar manda avançar a matilha, sedenta de sangue, dos cães que o seguem; e estes, certos da sua presente impunidade, lançam-se na cruel orgia dos espancamentos; sem a menor sombra de piedade por aquêles que, se mais não fôsem, eram, pelo menos, seus semelhantes.

A esta ignóbil façanha assistem impassíveis os oficiais da Armada Portuguesa, consentindo que os esbirros da Polícia de Informações venham, dentro dos próprios navios, buscar as vítimas que procuram para, depois, nas ênvias imundas, completarem a sua nefanda obra.

E' quasi inadmissível que um homem que ostenta nos brapos uns galões, de que se orgulha, consinta, e até aprove, inflâmias esta natureza, sem ao menos esboçar um gesto em defeza dos seus subordinados.

Mas, infelizmente, isto é a verdade e por isso não se admirem os «Snrs.» oficiais se amanhã lhes pedirem contas, aquêles que hoje suportam os horrores de Peniche, Angra e Aljube.

O seu cometimento representa a sua cumplicidade e, portanto, como cúmplices terão de prestar contas.

E' no conhecimento de todos nós que essas dezenas de marinheiros roubados ao nosso convívio e lançados em horribéis masmorras ás ordens de Salazar e seus acólitos, deixaram af fora quem sófra como eles não só moralmente mas também materialmente. Uns, têm pais, outros, mulheres e filhos, enfim todos possuem entes que lhe são queridos e que sofrem as consequências do seu gesto heróico.

Ora, é de absoluta necessidade que se leve a essas pessoas um pouco de auxilio material.

Dessa nobre missão está encarregado o Socorro Vermelho Internacional, o qual vem desenvolvendo uma eficaz acção prestando assistência aos prêsos políticos e sociais e suas famílias.

Mas para que o S.V.I. possa desempenhar cabalmente a sua missão, torna-se necessário que cada um de nós contribua com a sua cota parte para essa humanitária obra.

Criai a bordo de todos os navios responsaveis do S.V.I. Lembrai-vos que os magros escudos que hoje dispendeis, irão, reunidos, auxiliar aquêles que, hoje a ferros, pretendem e pretendem a nossa Libertação, o nosso bem-estar.

Viva o S.V.I.

Viva o P.C.P.

Viva a O.R.A.

DESIGUALDADE SENHOR MINISTRO...

A desigualdade manifesta-se em todos os promenores da nossa vida a bordo.

Assim, a injustiça duns tantos, balejados pela sorte e pelos galões, continua a oprimir e a insultar com as suas injustificáveis infâmias, os que, pela desgraçada organização social vigente, foram atirados para um posto inferior nos «ATRIBUTOS SOCIAIS».

Essa desigualdade é tão manifesta, quanto se sabe que entre os simples marinheiros se encontram indivíduos de capacidade intelectual muito mais elevada do que a dos seus tiranêtes actuais.

Sabe-se, por informações absolutamente fidedignas, que a bordo do «Gonçalves Zarco» existe um idiotazinho a quem deram o bem remunerado posto de imediato que, abusando da sua boa colocação, manifesta o seu desprêso pelos marinheiros.

Desde que este sr. se tornou imediato deste navio, começou com represálias e, assim, actualmente, os simples marinheiros não têm direito a licenças desabonadas de sexta feira a segunda-feira. Se falamos de simples marinheiros, é porque só a eles esta medida, de grande «JUSTIÇA» atinge.

Nêste mesmo navio, um outro oficial, o 2.º tenente Godinho, baseando-se nos regulamentos disciplinares, por êle hipertrofiados, levou o imediato a redigir a seguinte nota:

«Todo o calçado que fôr encontrado na coberta, a granel, será considerado sem dono e assim lançado ao mar.»

Como todos os camaradas vêem, esta medida é de grande «justiça» e, sobretudo, de «grande alcance disciplinar», mas o que o sr. bisbórrias se esqueceu de dizer na sua nota foi que não é fornecido aos marinheiros lugar para a arrecadação do mesmo calçado.

Ainda como demonstração da vertiginosa decadência das nossas regalias e, como prova demonstrativa da desigualdade entre marinheiros e oficiais nós vamos mostrar uma das grandes medidas de «salvação pública» inventada pelo sr. Ortins Bettencourt, actual ministro da marinha:

«Quanto aos gazolinas que levam as praças para bordo têm que atracar a estibordo, não lhes sendo facultada a atracação a bombordo porque este portalo é privativo dos srs. oficiais e comandante.

Não haja dúvida que é uma grande medida...

Não fôsem os pés plebeus dos marinheiros macularem a casta dignidade dos todo-poderosos da nossa «invicta» Armada.

Para que este estado de coisas não continue a prevalecer é preciso que todos nós nos unamos sob a palavra de ordem: — Guerra ao fascismo, nosso principal inimigo!

Pelas nossas reivindicações!

Viva a URSS, pátria de todos os trabalhadores!

(Continuado da 1.ª página)

ros está indissolúvelmente ligado, através da história, à causa da liberdade do Povo e da sua independência nacional, enquanto que a História de V.ª Ex.ª e, dos seus antepassados. Sr. Ministro, está acorrentada e marcada a fogo pelo laçelo da ignomínia e da traição. V.ª Ex.ª descende de Miguel de Vasconcelos e nós de Fernão Vasques, Sr. Ministro!

O mesmo jornal do dia 31, que transcreve o seu discurso e as suas invectivas contra os comunistas — «traidores à Pátria» — anuncia-nos, também, a chegada do Dr. Armindo Monteiro, e as vincadas manifestações de submissão que êste laçoi dos imperialistas ingleses andou fazendo por terras da Gran Bretanha!

V.ª Ex.ª, Sr. Ministro, assim como todos os tiranos da Nação constituem o maior escárnio à independência do Povo português! V.ª Ex.ª, Sr. Ministro, assim como todos os restantes ministros, são portugueses na forma mas ingleses no fundo. E não somos só nós que o afirmamos. O reaccionário Paiva Couceiro já teve a ocasião de vos dizer, publicamente, a mesma coisa.

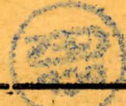
Há poucos dias, um dos chefes do nosso Partido, a ferros actualmente no ergástulo de Angra, respondeu à nota de culpa formulada pela Polícia e pelo Tribunal Militar Especial, e teve ocasião de dizer:

«O Partido Comunista é o herdeiro das tendências liberais e dos valores intelectuais do Povo português. E a história do nosso país é toda ela cheia de acontecimentos grandiosos, que arrancam à Ditadura fascista tôdas as bandeiras da tradição e do desenvolvimento histórico português».

A Ditadura fascista, Sr. Ministro, tal como os chacais, «anda aos restos». Aproveita-se de tudo quanto tem sido grande na história para o inscrever a grandes letras nas suas bandeiras. A própria cerimónia a que V.ª Ex.ª presidiu, comemorando o aniversário da viagem aérea transatlântica é uma manifestação palpavel do que afirmamos. Essa viagem foi realizada antes de 1926, no tempo em que ainda existiam liberdades democráticas, e o Governo da Ditadura ainda não realizou nenhuma obra que de longe, sequer, se aproxime dêsse feito glorioso.

A existência da Ditadura, Sr. Ministro, está indissolúvelmente amassada com o sangue e a miséria de milhares de trabalhadores. Nos seus horrorosos cárceres jazem centenas de corpos, martirizados pelas mãos brutais dos carcereiros. E entre essas centenas há bastantes marinheiros, Sr. Ministro, que viram as suas fardas rasgadas e as suas faces esbofeteadas por autênticos criminosos de delito comum — os cadastrados da Polícia de Informações.

Para nós, marinheiros, já passou a época das frases luzidas e baldias. Ante as realidades bem



DISCURSOS!... DISCURSOS!...

Tivemos muito prazer em ler o vosso discurso, sr. ministro da marinha, proferido em 7 do corrente a bordo da Fragata, e pena é que não pudéssemos ter ouvido para o podermos apreciar melhor.

Diz V.ª Ex.ª, que o marinheiro tem de ser acima de tudo militar e, como tal, tem de estar sempre a sacrificar o lar, a vida e o conforto.

Pois bem. Eu digo que desde há muito e, principalmente, há uma década de anos para cá, não tem o marinheiro português feito outra coisa. Passo a explicar-lhe: sacrificar o lar, porque o roubo nos seus vencimentos, que colheiros de 15%, razão, fardamento, tabela «outra» 10%, de desconto etc., faz com que chegue ao fim do mês e não lhe chegue o ordenado para a família.

Sacrifica o conforto com a «especialidade» dos alojamentos que possui; lavando-se na retrete dos NAVIOS NOVOS por falta de espaço das GRANDES CASAS de banho que os mesmos têm e, finalmente, sacrifica a vida, por tudo quanto atrás fica dito e ainda porque a alimentação que lhe fornecem é o mais deficiente possível e o serviço cada vez mais pesado o que, tuberculizando-o, o condena à morte.

Diz V.ª Ex.ª, mais abaixo, que o marinheiro português, deve ser totalmente nacionalista. De facto assim deve ser, porque por nacionalista entende que deve estar sempre pronto a dar o corpo ao manifesto. Deve estar sempre com boa disposição para comer o que lhe impingem e sempre de espinha curvada ante as «cavalidades» dos superiores, em seu único prejuízo; em suma, um autómato.

Manda depois V.ª Ex.ª que devemos ter confiança nos superiores; decerto que temos e muito, principalmente, quando esses SUPERIORES se escondem como mulheres fracas, durante qualquer acção militar como a da Madeira,

concretas de todas os dias, nós reagiremos também concretamente.

Nós irmanamo-nos na luta com todos os anti-fascistas da Frente-Popular, pela instauração de um Governo de verdadeira democracia popular. Nós queremos rehaver, Snr. Ministro, aquelas liberdades e aquelas garantias pelas quais se bateram legiões sucessivas de marinheiros, e que o «Estado-Novo» tem roubado a pouco e pouco.

Nós seríamos filhos adúlteros se não scubessemos manter-nos fieis às tradições liberais dos nossos antepassados.

Os admirantes, Snr. Ministro, morrem na cama.

Nos, marinheiros, quando chegar o momento, preferimos morrer na rua, a batalhar, ao lado dos nossos irmãos proletários e hasteando a bandeira da libertação nacional e social.

ou afastando-se do serviço temporariamente como da grande-guerra ou ainda quando navegando, enjoam como umas «vaquinhas», deixando a bem dizer a granel, o governo do navio, enquanto que fundeados não nos largam o tou-tiço com picuinhas nojentas, ou ainda como após ter terminado a revolta da Madeira, estragavam o material, mandando suspender a limpeza das peças de 20 do «Vasco d.ª Gama» quando estas estavam ainda cheias de água e sabão, ou então, e a bordo do mesmo navio, com um dia claro e às 8 horas da manhã o seu comandante, Carlos Frederico Braga, mandou prumar na barra de Lisboa e por pouco escapava o navio, só não chegando a dar-se o desastre porque ao mesmo tempo vinha entrando a barra o paquete «Serra Morena» e então esse S.ªBIO mandou que o marinheiro do leme mete-se na esteira do mesmo.

Vasta é a obra realizada — quer de cima para baixo, quer ao contrário — diz ainda V.ª Ex.ª. Decerto assim é, porque enquanto neste período de dez anos não se tem feito outra coisa do que reduzir o pessoal menor á situação de escravo, dando os mais latos poderes aos oficiais e mandando-nos — quando abrimos o bico — para a Policia de Informação mesmo fardados e tudo.

E coisa interessante sr. ministro, não esqueça que as melhores cadernetas da Marinha de guerra se encontram a ferros nas prisões dos «nacionalistas» que desejam formar BONS militares e que as suas fardas foram rasgadas por chulos ao serviço do «nacionalismo» de V.ª Ex.ª.

Depois do que fica enumerado e que mesmo com todo a desenfreada demagogia que os sr.s. empregam não o podeis rebater, só tenho a dizer a V.ª Ex.ª que a Pátria que vos representa para que nós defendamos, se parece imenso com os sanguinários deuses Kali ou M.ªh, etc., os quais para que se aplacassem as suas ira necessária a imolação de seres, mas que nada davam aos seus devotos!

A China revolucionária DE HOJE

... Surgiram novos destacamentos de guerrilheiros, formando com os nossos o primeiro Corpo do Exército Popular da Mantchúria. Actual mente este exército conta mais de duas divisões e as suas operações de guerrilhas abarcam um raio de mais de vinte distritos na parte oriental da provincia de Mukden.

O chefe deste Corpo é o camarada Yant-tzin Yui, o herói nacional.

(Da «Internacional Comuunista»)